

**JEAN GAGÉ, O CONSOLIDADOR
DE ESTUDOS HISTÓRICOS**

Maria Regina Simões de Paula



JEAN GAGÉ aos 80 anos. Professor honorário do Collège de France e ex-Professor de História da Civilização Moderna e Contemporânea na Universidade de São Paulo. (1938-1946).

Jean Gagé, professor honorário do "Collège de France" e o consolidador dos estudos históricos na Universidade de São Paulo (1938-1946), faleceu em Paris, aos 83 anos incompletos, no domingo, 4 de maio de 1986. A mesma idade do prof. Fernand Braudel (USP 1935-1937), de quem foi tanto o sucessor, como o realizador de um projeto apenas esboçado. Pois, na linha cronológica dos fundadores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, o prof. Gagé foi o terceiro dos grandes geradores da seção de Geografia e História. A prioridade fica com o historiador e legendário combatente da I Grande Guerra, prof. Émile Coornaert, contatado na Europa, pelo prof. Teodoro Augusto Ramos, veio para a regência da Cadeira de História da Civilização, permanecendo três meses apenas. No ano seguinte, 1935, o nunca demais reverenciado prof. Fernand Braudel, *agrégé* da Sorbonne e, ex-professor do Liceu da Argélia, deu, de fato, início ao curso de História na USP, criando uma infra-estrutura a curto e a longo prazo.

Com aquele seu charme irresistível, imantou vocações, estimulou pesquisas, contagiou a elite paulistana e fez mais. Através de um primeiro concurso interno, democraticamente, propôs à Reitoria da USP, a nomeação de primeiro aluno-assistente. E, logo depois, com o pedido de rescisão do seu contrato, sugeriu o nome do seu sucessor: Mr. Jean Gagé, da Universidade de Strasbourg e, o mais jovem laureado da Escola Francesa de Roma.

Foi no ano letivo de 1938 que o "Mestre francês", na evocação de um dos seus diletos discípulos, adentrou numa das salas da alameda Gleite — que então abrigava a Faculdade de Filosofia e "... deu início ao curso relativo às origens de Roma e República romana, com uma aula que se constituía para nós, estudantes novatos, numa total novidade, tanto pelo conteúdo, como pela riqueza, em matéria de método" (Cf. *Revista de História*, (103): 722-724; 1975). Primeira de uma centena de outras aulas, em cursos os mais diversificados, que o autêntico *scholar* Jean Gagé ministrou na Universidade de São Paulo, ao longo de uma permanência, ininterrupta, de oito anos e três meses (13.3.1936 a 1º.6.1942).

Registre-se que, além da regência dos cursos, foi ele quem orientou e presidiu a defesa das primeiras teses de doutoramento em Ciências (História), acontecidas na USP. Ainda, uma presença marcante nas excursões interdisciplinares. Mais ainda, instigava trabalhos meto-



Banca examinadora do 2º concurso de Doutorado em Ciências (História) na Universidade de São Paulo, aos 13 de outubro de 1945. Da direita para a esquerda: Professores Pedro de Almeida Moura, Jean Gagé, Eurípedes Simões de Paula (Presidente da mesa), Pierre Monberg e Alfredo Ellis Junior. A tese, apresentada e defendida por Pedro Moacyr Campos foi: "Alguns aspectos da Germânia Antiga através dos autores clássicos".

dologicamente tutelados. Com a proverbial seriedade francesa, revisava as provas das excelentes apostilas de todos os seus cursos que o único assistente, “caído do céu”, traduzia e complementava, sistematizava, mimeografava, encadernava e depois, distribuía aos alunos, gratuitamente. (Cf. depoimento acima citado).

Do potencial humano e cultural, que o prof. Gagé, injetou nos membros da Universidade que ajudou a construir, sejam focados dois episódios. Denotadores de desprendimento, criatividade consolidada, magnanimidade. Logo após a sua chegada e, em resposta a sugestões do seu antecessor, o prof. Braudel, foi publicado o Decreto-Lei de nº 1.190 (4.4.1939), que desdobrou a História da Civilização em duas Cadeiras, a de História Antiga e Medieval e a de História Moderna e Contemporânea. Aconteceu que, na encruzilhada decisória, o já consagrado especialista em estudos clássicos, decidiu assumir a segunda, entregando ao seu ex-assistente, cuja preferência para a antiguidade já havia captado, a regência da primeira. E o prof. Gagé, mesmo longe de bibliotecas especializadas, dedicou-se, a partir de então, à instigante montagem de novos cursos, da Áustria dos Habsburgos, da Revolução Francesa, da problemática do Extremo Oriente, das Revoluções Libertárias da América Latina e, muitos outros, no decorrer de uma fecunda permanência de quase dois lustros. Pois a II Guerra Mundial o reteve no Brasil. Involuntariamente. As primeiras notícias de invasão da França pelos nazistas, levaram-no a apresentar-se na chancelaria de seu país, a fim de poder retornar e, secretamente, aliar-se aos combatentes da Resistência. Indeferido o requerimento, foi um soldado frustrado e incompreendido na época, que continuou como o “professor francês” da seção de Geografia/História da FFCL/USP. Ainda enfrentando dupla carga de trabalho, já que por um desses raros paradoxos, o ex-assistente e colega brasileiro, convocado para o serviço ativo do Exército, seguiu com o primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira, FEB, para a campanha da Itália, só retornando após a vitória dos aliados, em junho de 1945. Da correspondência entre ambos, alguns *flashes* no comovente depoimento escrito, pelo mestre octogenário, para o livro em homenagem ao discípulo recentemente falecido. (Cf. “Universitaires combats et titres de guerre” – Eurípedes Simões de Paula, *in memoriam*. São Paulo, 415-417; 1983).

A garra do prof. J. Gagé apareceu em outra postura. Terminada a guerra, neutralizados os entraves diplomáticos, ele ainda quis esperar o encaminhamento e a conseqüente realização do primeiro concurso público à Cátedra de História Antiga e Medieval, para solicitar a rescisão de seu contrato na USP. Com a certeza da efetiva consolidação dos estudos históricos, de que seus antecessores, Coornaert e Braudel, foram os primeiros artilheiros, ele, enfim, pôde regressar à Pátria, e reassumir a Cátedra de Histoire Romane, na Universidade de Estrasburgo (1946-1972).

Eleito para o Collège de France que, como se sabe, é o último degrau da carreira universitária na França, lá permaneceu até o seu recente falecimento (1972-1986). Ao Brasil, nunca mais teve oportunidade de voltar, mas em suas eruditas publicações, e foram muitas, ele fazia sempre menção explícita de seu antigo cargo de professor na Universidade de São Paulo. Dentre as últimas publicações desse pesquisador imbatível no campo de sua especificidade, sejam lembradas, em 1981: "Apollon impérial, Garant des *Fata Romana*" e "La mystique impériale et l'épreuve des jeux" (Ambas em: *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt*, Berlim-Nova York, Walter de Gruyter, 1981). Em 1984, o seu último livro "M. Furius et les latins transiberiens", consagrado pela crítica especializada, imantava estudiosos nas vitrinas das principais livrarias européias.

E argumentemos que Jean Gagé também incursionou no campo das letras: sua obra de poemas *Noctures et meridiennes* (Paris, Barré Dayez Editeur) obteve, em 1963, o prêmio VERLAINE da Academia Francesa.

Por uma correspondência, ficamos cientes da significativa homenagem dos alunos belgas ao mestre J. Gagé, numa coletânea de trinta artigos selecionados de periódicos especializados e publicados, em dois tomos, pela coleção LATOMUS, em 1974.

E, de repente, a própria notícia, epidérmica, provocou uma outra perplexidade. Uma quase certeza de que os excepcionais artigos do prof. Gagé, publicados nos primeiros Boletins da Faculdade de Filosofia, na longa duração da Revista de História, não teriam sido rastreados pelos organizadores da bela homenagem.

E não o poderiam. Pois, além do enriquecimento intelectual neles armazenado, o *homem* Jean Gagé é, ainda hoje, o grande desconhecido no Departamento de História. Da vigorosa juventude con-

temporânea, dos últimos docentes concursados seriam raras as respostas, positivas. Recentemente, ouvimos de alguns deles a confiança de que só tomaram conhecimento do espaço marcante do prof. Jean Gagé na Filosofia, na USP, através de nota veiculada no órgão oficial da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, SBPC. (Cf. Personagens e Instituições, *in* Ciência e Cultura, 36/12; 2252; 2255; 1984).

E a gente ficou recordando que tamanha injustiça, poderia até ser tomada como outro tipo de cassação. Da parte de seus alunos de ontem, docentes de hoje. De alunos outros, das primeiras turmas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que o devem ter conhecido no dia-a-dia da alameda Gleite, depois, na Escola da "Praça"

Esta incompreensível e longa eclipse gageana não está cobrindo apenas o Departamento de História. Alastra-se para a própria Universidade de São Paulo, cujo prestígio cultural deve ter ficado arranhado com a injustiça perpetrada a um dos seus criadores. Ao eminente, hoje saudoso prof. Jean Gagé que, da constelação dos fundadores da instituição cinquentenária foi, ao que se sabe, o único esquecido para os festejos comemorativos.

Quem escreve estas linhas não tem o privilégio de ter sido aluna do prof. Jean Gagé ou de conhecê-lo pessoalmente. Mas, tocada pela sensibilidade de um primeiro acolhimento epistolar, em 1974, passou a encontrar em suas cartas, estímulo e orientação.

Assim foi que, a nível de colaboração, argumentou da inclusão do nome do prof. Jean Gagé (então residente em Sceaux, nos arredores de Paris) na lista dos convidados especiais que, por acaso, teve sob os olhos. Ingenuamente. Pois o fundador, o consolidador de uma das seções da Universidade aniversariante, sequer foi convidado, contatado! Mesmo à distância, a gente pode captar o quanto o prof. J. Gagé deve ter sofrido com a sua marginalização. Silenciosamente. Ainda mais porque os seus colegas do Collège de France que regeram cursos na USP e foram convidados, pessoal e oficialmente, devem ter comentado o evento. E o fizeram até mesmo em entrevistas a correspondentes no Exterior, justificando suas ausências, que foram publicadas na imprensa local. (Cf. Jornal da Tarde, Caderno de Programas e Leituras, 28.1.1984, 1.

Hoje, o diagnóstico de tão crispante procedimento dos então dirigentes da maior Universidade do Brasil, pode ser captado, velada-

mente, na última carta do saudoso prof. Jean Gagé, datada de março do ano em curso: “ *da nossa Faculdade de Filosofia, que me é sempre muito querida, mas que já me esqueceu* ”

E a gente fica sonhando com a complementaridade de uma palavra: *momentaneamente*. Pois novos ventos estão soprando no *campus* uspiano. O novo reitor, eleito pelo Conselho Universitário, com o consenso da comunidade acadêmica, declarou que um dos seus propósitos é o de “reerguer a Universidade de São Paulo”

Resta a esperança de que, na abrangência do programa, esteja a reparação da injustiça perpetrada ao prof. Jean Gagé, o consolidador dos estudos históricos na USP.

FICHA CATALOGRÁFICA

PAULA, Maria Regina Simões de. *Jean Gagé, O Consolidador dos Estudos Históricos*. *Revista da Universidade de São Paulo*, (3): p. 149–156, dezembro de 1986.